



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA GIOVANA EISERMANN

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-690

Entrevistada: Maria Giovana Eisermann

Nascimento: 08/11/1968

Local da entrevista: Rua Cervantes, 97 ap 1002 - Jardim Botânico.

Entrevistadoras: Suellen dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras.

Data da entrevista: 18/05/2016

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 34 minutos e 45 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa mestrado de Suellen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no esporte e no futebol; Início no futebol em equipes de Rio Pardo; Participação na Seleção Gaúcha de Futebol; Participação na Seleção Brasileira; Início na equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre; Participação em Campeonatos Gaúchos e Campeonatos Brasileiros; Participação em campeonatos de futsal; Encerramento da trajetória como jogadora de futebol.

Porto Alegre, 18 de maio de 2016. Entrevista com Maria Giovana Eisermann, a cargo das pesquisadoras Suellen Ramos e Pamela Joras para o Projeto Garimpando Memórias

S.R. – Giovana primeiramente nós gostaríamos de te agradecer por conceder teu tempo e para esta entrevista também. Eu gostaria de começar te perguntando como tu iniciaste no esporte? Foi direto no futebol ou começou com outro esporte? Como foi esta tua primeira aproximação com o esporte e com o futebol?

M.E. – Bom, em primeiro lugar eu também quero agradecer a vocês por estarem fazendo este trabalho que é muito interessante e alguém teria que fazer isto, porque senão se perde tudo. Aliás, muita coisa eu acho que já ficou para trás, mas enfim. Eu comecei cedo... Cedo não, porque nos dias de hoje treze anos já é tarde, mas foi quando eu comecei no futebol. As primeiras recordações que tenho são de meu pai que jogava futebol de várzea lá no interior e eu tenho uma vaga lembrança de ainda muito pequena assistir os jogos ou então ver fotos dele jogando... Eu gostava de brincar de “chute a gol” com meus primos e ficar chutando bola ou qualquer coisa parecida com bola sozinha no pátio de casa. Lembro de meu pai fazendo aquelas rodas de bobinhos com seus amigos no meio da rua e eu sempre por perto esperando que a bola saísse da roda pra eu ir atrás.... Durante as férias da escola eu ia pra casa dos meus primos e, lógico que minha brincadeira preferida era jogar bola, esse era o único contato com o futebol que eu tinha já que as crianças vizinhas de minha idade ninguém brincava com bola. Eu era uma criança sempre muito ativa, jogava de tudo na escola, mas não futebol; futebol mesmo eu não joguei na escola, eu jogava handebol. Eu sou de Rio Pardo¹, interior. Lembro que naquela época, por volta de 1982 mais ou menos, o Inter² jogava o campeonato gaúcho aqui em Porto Alegre, acredito que tenha sido o primeiro que existiu... Tinha Inter, Grêmio³ e as outras equipes eu não lembro... E eu acompanhava as notícias pelo jornal Zero Hora. Lá em Rio Pardo tinha um cara chamado Teté⁴ que resolveu montar um time de futsal; ele já tinha uma equipe masculina, chamava Bola Preta, e resolveu fazer a versão feminina, daí fizeram uma seleção para ver quem

¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

² Sport Club Internacional.

³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

queria jogar, montaram uma equipe, começaram os treinos no ginásio municipal e assim comecei no futebol, aos treze anos. Então resolveram fazer um evento na cidade e chamaram essa equipe do Inter que na época foi campeã gaúcha, para fazer uma apresentação lá e jogar contra o nosso time. Óbvio que a gente tomou uma sacola, acho que foi seis a zero o jogo e, a partir dali a gente continuou treinando. Em seguida fizemos um amistoso contra uma equipe de Santa Cruz⁵, uma cidade vizinha lá.... O treinador delas estava pensando em fazer uma equipe de futebol de campo, conversou com nosso treinador e convidou umas quatro ou cinco meninas lá de Rio Pardo para participar desse time dele, e eu estava entre as escolhidas! Então, todas as terças e quintas eles pagavam a passagem do ônibus de Rio Pardo para Santa Cruz, nos davam um lanche e nos finais de semana jogávamos lá na cidade mesmo ou pelo interior. Em seguida eu lembro que novamente a equipe do Inter foi convidada pra fazer um amistoso só que desta vez foi futebol de campo, perdemos claro, mas não foi tão feio! Assim foi meu começo.

S.R. – E como foi a reação da tua família quando tu começou a jogar futebol?

M.E. – A mãe não gostava, óbvio. Nem o pai, mas o pai não me falava nada. Mas a mãe não queria que eu jogasse de jeito nenhum. Eles não gostavam porque futebol era coisa para homem, não é que nem hoje que qualquer um joga e é normal nas escolas. Claro que ainda existe preconceito, só que na época era muito pior. A mãe nunca me dava bola de presente, já para evitar que eu jogasse, mas eu me virava, fazia com jornal, com saco de plástico, enrolava, fazia bola de qualquer jeito para poder jogar nos fundos de casa mesmo sozinha, mas bola nem pensar, eles não gostavam. A mãe não gosta até hoje! [risos]

S.R. – E tu comentaste que não jogava na escola, tu lembra por quê?

M.E. – Pois então, eu não lembro porque, só tinha futebol dos meninos e eu não jogava. Nunca tive essa oportunidade. Meninas não jogavam futebol.

S.R. – Tu chegou a te mudar para Porto Alegre para jogar? Como funcionou depois desta equipe que vocês montaram?

⁵ Município do estado do Rio Grande do Sul.

M.E. – Eu conheci algumas pessoas aqui em Porto Alegre e vinha passear nos finais de semana, daí não sei, a gente encontra um, encontra outro: “Tu joga futebol?” “Sim, jogo.” “Então vem jogar aqui no meu time.” Aí eu fiquei meio assim... Umas gurias lá de Canoas⁶ me convidaram também, até que um belo dia venci a timidez e resolvi jogar, joguei e gostei, aí já me convidaram para um torneio, e depois outro e assim foi... Nessa época eu já cursava a faculdade de Educação Física lá em Santa Cruz, daí eu pensei: “Eu quero ir para Porto Alegre jogar.” Porque onde eu morava já não existia mais equipes de futebol feminino, e aqui tinha o Campeonato Gaúcho e tal. Eu cheguei a fazer um peneirão no Inter, passei, mas eu não podia vir para Porto Alegre assim, sem emprego e sem terminar a faculdade. Então, depois que eu me formei, fiz concurso para o Estado e quando fui chamada pra assumir o cargo de professora, aí sim eu vim para cá já com segundas intenções de jogar, claro [risos]. Eu vim morar aqui em 1993, eu já tinha vinte quatro anos. Nesse meio tempo eu vinha, jogava aqueles torneios de um dia inteiro e voltava. Passava o domingo aqui jogando e domingo á noite eu voltava pra Rio Pardo.

S.R. – Tu tinhas alguma referência de alguma jogadora naquela época?

M.E. – Então, quando eu vim pela primeira vez jogar aqui para Porto Alegre, foi justamente quando acontecia o Campeonato Gaúcho, e o Inter tinha acabado de ser campeão. Em função daquele amistoso lá em Santa Cruz, nosso time foi convidado para vir jogar aqui no dia 04 de abril de 1984 - data que jamais esquecerei - para fazer a entrega das faixas de campeãs ao Inter. Lembro que eu nunca tinha vindo a Porto Alegre e eu entrei no estádio e pensei: “Meu Deus, que campo bem grande!” [risos] O campo era muito grande gurias, vocês não tem noção. Na verdade o campo tinha as dimensões padrão, só que aquela estrutura toda em volta, foi muito impactante! Também: acostumada a jogar naqueles campos lá no interior, horríveis, várzea total, não tinha como não ser marcante! Mas aí a gente veio, entregamos as faixas para elas, foi legal... Me perdi na história qual foi a pergunta mesmo?

S.R. – Se tu tinha alguma referência...

⁶ Município do estado do Rio Grande do Sul.

M.E. – Nes jogo eu vi a Márcia Cachoeirinha⁷ jogando, só neste jogo, porque depois eu não tive mais contato. E ela era uma meia, meia-esquerda ou meia-direita, não lembro. Nossa, ela jogava muito, isso na minha visão de futebol na época, mas segundo as gurias que conviveram com ela, jogava muito bem mesmo. E eu fiquei com aquilo na cabeça, mas depois quando eu tive um pouco mais de contato com outras jogadoras a minha referência passou a ser a Bel⁸. Para mim a Bel é uma jogadora *completa*. Por exemplo, a Eduarda⁹ que vocês conhecem tem habilidade, tem visão de jogo, é talentosa, mas a Bel é mais completa na minha opinião. Ela defende, ela ataca, ela tem força, velocidade, sabe usar o corpo, ela tem garra para jogar, então minha referência sempre foi ela. Ela é minha “ídola”, hoje eu brinco com ela: “Tu é minha ídola” [risos] e ela dá risada. Mas pior que é mesmo, porque foi muito bom vê-la jogando e ter o privilégio de ter jogado ao lado dela. Aquele time do Inter jogava muito, nossa senhora!

S.R. – E tu lembra de ver ela em algum outro lugar que não fosse no campo de futebol? Elas apareciam em algum lugar?

M.E. – Não, fora isso não. Só nas quadras de salão, que a gente se encontrava nesses campeonatos, uma vez que outra. Mais tarde sim, passamos a conviver, pois jogávamos e treinávamos na mesma equipe.

S.R. – E tu lembra em quais equipes tu atuou?

M.E. – Minha primeira equipe de futsal aqui em Porto Alegre foi o Nacional, era uma equipe formada por um grupo de amigas que gostavam de jogar futebol e montaram um time pra jogar torneios de final de semana. Depois saí do Nacional e fui jogar numa equipe nova que estava sendo formada com patrocinador e tal... chamava-se Bruxas¹⁰, tínhamos uma cede ali no bairro Partenon, fazíamos festas neste local pra arrecadar dinheiro para as despesas de viagens, pois passamos a disputar o Campeonato Gaúcho de Futsal, jogavam

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Isabel Cristina Nunes.

⁹ Eduarda Marranghello Luizelli.

¹⁰ Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas.

nesta equipe a Bel, Eduarda, Aline¹¹, Silvia Guaíba, Marina¹², a goleira Líria¹³ que tem o apelido de Neguinha, etc... Treinávamos duas vezes por semana no ginásio Geraldo Santana. Tínhamos o patrocínio da empresa Pneurama, depois Zocolotto, e por fim fizemos parceria com o Partenon Tênis Clube e a equipe passou a chamar-se Bruxas/Partenon/Zocoloto. Tínhamos como diretora da equipe a amiga Maria da Graça Lopes, que chegou a fazer parte daquela primeira equipe de futebol de campo do Inter e, então, passamos a treinar e jogar no Partenon Tênis Clube, foi uma época muito legal. Em 1994 entrou o futebol de campo na história. A Federação Gaúcha criou uma estrutura com diretoria, treinador, preparador físico, médicos, massagista, etc., responsáveis por montar a Seleção Gaúcha. Particpei dos testes, fui aprovada e foi aí que eu conheci a maioria das gurias que estão aí nessas fotos¹⁴. Ficamos um bom tempo treinando nos campos suplementares do Inter e jogamos aquele Campeonato Brasileiro que foi em Campos do Jordão, em São Paulo Mas era assim, a gente se reunia dois meses para treinar e ia para lá jogar contra equipes que tinham uma boa estrutura, pois jogavam durante o ano inteiro em São Paulo e no Rio de Janeiro. Sempre tinha uma equipe que se sobressaía lá e quando elas não tinham o patrocínio do estado delas, elas iam representar outros estados. No ano seguinte montaram a equipe do Cruzeiro¹⁵ também pra jogar um campeonato Brasileiro que durava de duas a três semanas, este aconteceu aqui em Torres e Tramandaí no nosso litoral. E assim era, nós nos juntávamos uns dois meses antes, treinávamos à noite porque o pessoal trabalhava, disputávamos o campeonato e na volta a equipe desmanchava, cada uma voltava pra sua equipe de futsal e para os torneios de final de semana.. Depois da Seleção Gaúcha e do Cruzeiro, eu fui convidada pra participar de um amistoso contra uma equipe de São Paulo lá no SESC da rua Protásio Alves, se não me engano era a equipe do Saad¹⁶, que tinha inclusive jogadoras de seleção Brasileira e o treinador delas era o próprio treinador da Seleção, não lembro o nome dele... Passaram-se uns dois três meses e ele me convocou pra Seleção Brasileira, era fase de preparação para o Mundial da Suécia¹⁷, mas infelizmente fiquei pouco tempo com o grupo. Num treino coletivo rompi o ligamento

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Osmarina Maria Tissi.

¹³ Líria Lúcia Lopes da Silva.

¹⁴ A entrevistada mostra algumas fotografias da época.

¹⁵ Esporte Clube Cruzeiro.

¹⁶ Saad Esporte Clube.

¹⁷ Copa do Mundo de Futebol Feminino disputada na Suécia em 1995.

cruzado do joelho e fui cortada da seleção. Daí voltei, fiz cirurgia, fisioterapia e seis meses depois estava de volta ao futebol. Nisso a Eduarda conseguiu uma parceria entre Internacional e uma equipe de Vacaria; fomos eu, ela e a Nana¹⁸ representando o Inter e juntamo-nos a este time que estava sendo formado lá para disputar mais um Campeonato Brasileiro, desta vez em Osasco, São Paulo. Acho que foi mais ou menos assim que a Eduarda começou a montar o Inter, ela conseguiu o primeiro jogo de fardamento oficial do clube, não sei direito como foi a tratativa com o pessoal lá de Vacaria, mas ela levou o fardamento do Inter e a gente se juntou a equipe do Ítalo Serrano, tendo as camisas sendo revezadas durante as partidas.

S.R. – Tu lembras que ano foi essa convocação? E se tu jogou algum amistoso?

M.E. – Não deu tempo de jogar, eu fiquei... Acho que devo ter ficado uns trinta dias lá no máximo, era preparação para o Mundial da Suécia em 1995. O grupo já estava treinando há bastante tempo quando eu cheguei em Goiânia. Como aqui eu só jogava futsal, meu preparo físico estava muito abaixo do que o das minhas companheiras. Por isso não cheguei a entrar nos jogos, apenas fiquei no banco de reservas. Durante minha estada lá houve um quadrangular entre Brasil, Austrália, acho que Argentina, e uma equipe de São Paulo. E na semana seguinte eu já me lesionei e voltei. Então foi assim, meteórica a passagem [risos].

S.R. – Mas como foi essa experiência? Apesar de pouco tempo.

M.E. – Foi inesquecível porque era muito difícil naquela época alguém ser convocada fora do eixo Rio/São Paulo. Não havia intercâmbio, não tinha informação, tanto que só havia sido convocadas aqui do Sul até então, apenas a Bel e a Eduarda. Diferente de hoje que é muito mais fácil as gurias serem chamadas porque agora existem campeonatos com mais visibilidade, transmissão de jogos, campeonatos sub 17 e até através de indicações por parte de pessoas que tem influência e amizades na CBF¹⁹. Mas na época nós não tínhamos nada, apenas aquele treinamento de dois meses e uma competição lá de vez em quando...

¹⁸ Aliana Alvares da Rosa.

¹⁹ Confederação Brasileira de Futebol.

Mas foi uma experiência inesquecível, é assim, sei lá, nem sei te explicar, nem acredito falando bem a verdade.

S.R. – E nesse retorno no Internacional tu estavas jogando lá?

M.E. – Não. Daí voltamos a jogar futsal, a equipe de campo havia se desfeito. Futebol de campo jogávamos somente quando havia algum campeonato Brasileiro a vista. E se algum clube ou um simpatizante do futebol feminino resolvesse montar uma equipe. Depois deste campeonato em Osasco voltamos para o futsal, jogávamos o campeonato Gaúcho pelo Inter, os treinos e jogos eram no Gigantinho²⁰ e usávamos o fardamento igual ao do profissional. Foram dois anos lá, 1996 e 1997.

S.R. – No campo tu não jogaste nenhum Campeonato Gaúcho?

M.E. – Sim, lá por setembro ou outubro de 1997 com o término do Campeonato Gaúcho de Futsal, que por sinal perdemos o título para a equipe do Chimarrão²¹ de Estância Velha, infelizmente jogamos desfalcadas os dois jogos das finais, mas por uma justa causa, afinal a Eduarda tinha sido convocada novamente para a Seleção Brasileira de Campo. Aí acabou o futsal no Inter e após uma desavença o grupo se dividiu e a Eduarda foi montar a equipe de futebol de campo no Inter. Eu e mais umas três ou quatro gurias fomos convidadas para jogar no Grêmio que também estava montando sua equipe. Então ali em 1997 começou, digamos assim, a segunda fase do futebol de campo no Rio Grande do Sul porque a primeira que iniciou lá por 1983 mais ou menos. Já havia acabado há muito tempo atrás, aquela que citei anteriormente quando tinha o Campeonato Gaúcho, a cobertura da Zero Hora e tal. Quando eu cheguei ao Grêmio a equipe já estava treinando há alguns meses a espera do campeonato gaúcho que aconteceria ainda naquele ano de 1997. Treinávamos diariamente em um campo de areião que tinha junto ao estacionamento do Estádio Olímpico, à noite e em condições bem precárias. Joguei lá em 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, e em 2002 eu novamente rompi o ligamento cruzado do joelho, aí eu parei. Eu não lembro agora se eu parei direto ou se eu consegui voltar. Enfim, foram cinco anos jogando

²⁰ Ginásio Gigantinho. Integra o complexo do Estádio Beira-Rio, do Sport Clube Internacional.

²¹ Sociedade Esportiva Recreativa Chimarrão.

no Grêmio. No início com muita dificuldade mas depois com muito esforço de todos os envolvidos finalizamos com uma estrutura de dar inveja a muitas equipes até de futebol masculino. Eu parei em 2002, mas a equipe continuou mais uns dois ou três anos eu acho. E agora eu não sei se está tendo Campeonato Gaúcho de campo, não acompanho mais, estou por fora. Mas acho que teve uma nova parada depois disso. Então por isso que eu falo, teve lá a primeira geração delas, quando eu não morava aqui. A segunda que eu considero que foi essa, entre 1997 e dois mil e pouco, e depois eu não sei quando retornou porque eu me afastei, não sei.

S.R. – E tu lembra quem articulou o Departamento de Futebol Feminino no Grêmio? Porque a gente sabe que a Duda articulou no Inter. Mas do Grêmio tu sabes alguma informação?

M.E. – Eu não lembro, quando eu cheguei já estava em andamento a formação da equipe, quem poderia dar mais informações é a Patrícia²², que estava lá desde o início. E também a Cebola²³. Eu tenho na memória muito o Coronel Feijó²⁴ que até faleceu ano passado eu acho. E ele que nos apoiava muito, que era o chefe do Departamento Feminino. Lembro que quando começamos, não deixavam a gente usar os campos, não tinha vestiário, a gente usava o vestiário das piscinas. No Programa Silvio Santos tinha um quadro que se não me engano se chamava “chute a gol” e as pessoas eram convidadas a participar. Eu lembro que as gurias do nosso time foram umas duas ou três vezes. Eles pagavam bem, além das despesas do transporte e hospedagem, davam uma boa quantia em dinheiro. E esse dinheiro o pessoal do Departamento juntou, com mais dinheiro de patrocínio, mais isso mais aquilo e aí fizeram o Departamento. O Grêmio cedeu um espaço lá em baixo das arquibancadas e foi construído um departamento só para nós. Ali tinham banheiros, chuveiros, tinha o departamento médico, a recepção, rouparia, local para palestras antes dos jogos, enfim, nós tivemos uma estrutura bem legal assim, sabe? Mas foi com muito suor, porque qualquer dinheiro que entrava com essas participações ou patrocínio não ficava com a gente, ficava para o clube para poder construir aquele Departamento do Futebol Feminino. Daí o Grêmio deu médico, fisioterapeuta, academia, tínhamos roupeira,

²² Patrícia França Ruas.

²³ Luciana Corrêa.

²⁴ Coronel Ney Fontana Feijó.

mais de uma massagista enfim tudo que precisávamos. E eles acompanhavam tudo, era perfeito o Departamento, depois de muito suor, de muito treinar na chuva, embaixo daquelas rampas e arquibancadas ali no Grêmio, noites de inverno horroroso... Nossa, eu lembro daqueles treinamentos, meu Deus do Céu... A gente suou um bocado para conseguir aquele Departamento e poder realizar o desejo de jogar futebol. E claro, a gente tinha que ter resultado em campo para os dirigentes olharem e dizer: “Vamos investir!” Ou então apoiar a continuidade do Departamento.

S.R. – Vocês recebiam para jogar?

M.E. – Depois que a gente montou esse Departamento, a gente chegou a receber. A coisa evoluiu tanto que passamos a receber mensalmente, uma ajuda de custo, óbvio. Sei lá, se fosse comparar hoje eu deveria receber acho que uns quinhentos reais, digamos assim, quatrocentos. Daí claro que dependia do rendimento de cada uma ou quem conseguia seu próprio patrocínio. A Débora Mancia²⁵, também teve grande importância pra essa equipe, e deve se lembrar melhor de tudo como aconteceu, é outra assim tipo a Patrícia que tem uma memória boa para contar essas histórias da época. Enfim, entrava patrocínio, saía patrocínio, trocava a direção do clube, entravam e saíam pessoas que eram contra o nosso futebol, e nós ficávamos ali na corda bamba, sempre com a ameaça de acabar tudo. Tanto foi que acabaram conseguindo! Entrou uma direção que era totalmente contra e acabou com o futebol feminino, acabou com o nosso Departamento, com tudo... Eu dizia que cada tijolo que tinha lá naquele Departamento tinha o meu suor porque foi literalmente, construído com o suor de cada uma que vivenciou aquilo tudo.

S.R. – E tu lembras de mais alguma competição que tu disputou com o Grêmio além do Campeonato Gaúcho? Vocês jogaram Campeonato Brasileiro?

M.E. – Brasileiro? Jogamos o Brasileiro sim, em 1998. Jogamos um em Goiânia e tenho a credencial de atleta guardada até hoje e nela diz ser o II Campeonato Brasileiro mas não sei se é realmente... Mas acho que talvez tenha mais um ou outro, agora não estou lembrando...

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

S.R. – E tu lembra quais equipes havia naquela época além de Inter e Grêmio?

M.E. – Só lembro do Brasil de Pelotas²⁶, do Pelotas²⁷, um pessoal da serra também, de Bom Princípio²⁸... Lá em cima elas também se juntavam às vezes e faziam uma equipe para jogar o campeonato daquele ano e depois logo acabava, faltava patrocínio. Mas não lembro muito bem, talvez olhando as fotos e vendo alguma coisa. Mas o título sempre ficava com Inter ou Grêmio porque tinham mais estrutura e eram mais procurados por meninas que vinham do interior.

S.R. – E tinha rivalidade?

M.E. – Tinha muita rivalidade, muita rivalidade!

S.R. – Como era?

M.E. – Grenal²⁹ é Grenal né. Era Grenal como se fosse o masculino, a rivalidade era a mesma. A gente entrava em campo, apesar de algumas estarem... Serem torcedoras do Inter e jogarem no Grêmio, e vice e versa. Mas era legal, dia de Grenal havia toda uma preparação na semana anterior, era bem legal.

S.R. – E tu lembra de alguma situação marcante nos Grenais? Algum jogo que te marcou?

M.E. – Infelizmente tenho uma péssima recordação... um jogo que nós tomamos uns nove gols, lá no Beira-Rio [risos]. Fora isso não me lembro....

S.R. – Tu estava nesse jogo Giovana?

M.E. – Infelizmente estava, a Bel também estava, vou colocar ela na roda [risos]. Mas não sei, aquelas coisas que acontecem, desestruturou a equipe, tinha umas gurias muito jovens

²⁶ Grêmio Esportivo Brasil.

²⁷ Esporte Clube Pelotas.

²⁸ Município do estado do Rio Grande do Sul.

²⁹ Jogo clássico do futebol brasileiro disputado entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

naquele jogo e não teve jeito. Nós tomamos nove naquele Grenal. Mas os jogos eram muito pegados, desgastantes, não tenho grandes lembranças, o que mais me marcou foi isso... Tem uma foto que eu tenho de um Grenal, foi a única vez que eu sai de campo com cãibra na minha vida, alguém conseguiu fotografar isso. Os maqueiros do Inter me tiraram de campo, não aguentei o rojão. Ah, teve outra coisa que eu lembro e que elas debocham de mim até hoje. A Rádio Gaúcha transmitiu um desses Grenais e eu consegui a façanha de ser escolhida a *Miss Grenal* [risos]. Com tanta guria que tinha, as gurias do Inter, tinha umas gurias bonitas lá e eu consegui essa façanha, não sei como. E elas riem e debocham de mim até hoje por causa disso. Isso que estava a Bel e a Duda em campo.

S.R. – E tu lembra como era o tratamento da mídia com as atletas? Se havia um respaldo, uma visibilidade?

M.E. – Nesse tempo que a gente jogava não tinha nada, tanto que eu não tenho... Porque eu guardava tudo que saia e saia só umas notinhas minúsculas no jornal. Não existia, não tinha. No meu tempo tinha pouquíssima divulgação da mídia, bem menos do que na época da primeira geração que eu falo, porque aí eu estava lá em Rio Pardo e eu acompanhava na Zero Hora, que tinham jogos, que ganharam e tinha fotos delas. Até tenho uma foto aqui daquela equipe que era lá daquela época ainda. No tempo em que nós jogamos nesses anos que eu falei, em 1997, a partir de 1997 não tem nada. Uma notinha só de vez em quando...

S.R. – Em relação ao público e a torcida. Havia público nos jogos? Como era essa relação?

M.E. – Tinha, quando o jogo era ali no Beira-Rio, até tinha público, pouquíssimo, mais pessoas conhecidas e parentes, normal né. Lá no Olímpico³⁰ a gente jogava no campo suplementar, então ali não tinha estrutura, pouca gente ia assistir, mais familiares e conhecidos. E no Olímpico o público... Chegamos a fazer um jogo contra o Nacional³¹ de Montevideú, nós fomos para lá passar uma semana, fizemos dois amistosos lá, no dia mais frio da minha vida que eu joguei. Um dos, porque o outro foi em Pelotas³². Em Pelotas a gente congelou tanto que no intervalo a doutora passava um negócio nas mãos da gente,

³⁰ Estádio Olímpico Monumental – Porto Alegre.

³¹ Club Nacional de Football.

³² Município do estado do Rio Grande do Sul.

agora não lembro o nome... Vaselina! Para ver se aliviava... Entrou todo mundo em baixo do chuveiro, os pés congelados, mãos congeladas, barro, era um julho assim, frio do cão em Pelotas, o campo embarrado, com chuva, horrível! Mas voltando a história, nós fomos lá jogar contra o Nacional de Montevideu, ficamos uma semana lá depois elas vieram aqui, daí a gente fez um jogo que antecedeu a equipe do Grêmio. Nem lembro mais se era Brasileiro deles, ou o que era, sei que a gente fez a preliminar e óbvio havia bastante gente no jogo, porque tinha jogo do masculino depois. Mas quando o jogo era dentro do estádio mesmo tinha pouquíssima gente.

S.R. – E tu lembra de algum outro momento marcante nessa tua trajetória como jogadora de futebol?

M.E. – Momento marcante foi a Seleção, e as minhas lesões [risos], foram três cirurgias de ligamento cruzado que eu fiz. A recuperação é muito difícil, a cirurgia é muito agressiva e só quem já passou por isso sabe do que eu estou falando! Já era para eu ter parado de jogar há muito tempo [risos], mas ainda continuo batendo uma bolinha uma vez por semana. Adoro jogar futebol! Mas fora isso, marcante mesmo foi o tempo que a gente se juntava dois meses para treinar e jogar um Brasileiro, a convivência com as pessoas, as amigas, os jogos, as viagens, foi tudo muito legal, o que eu lembro agora para te dizer é isso.

S.R. – Em algum momento tu conseguiu te sustentar somente jogando futebol?

M.E. – Nem pensar! Jamais! Nem pensar, estou te falando que foi só aqueles dois três anos, nem sei se durou tudo isso, recebendo essa ajuda de custo que eu tinha no Grêmio. Mas era irrisório, não tinha como. Eu trabalhava o tempo todo.

S.R. – E quando e em qual momento tu decidiu parar de jogar sistematicamente?

M.E. – Foi quando eu tive a segunda ruptura do ligamento do joelho, eu já estava com trinta e três quase trinta e quatro anos, e aí eu já sabia... Depois dos trinta a gente já nota alguma diferença para jogar com as gurias mais jovens, e depois de uma lesão grave destas então, ter que ficar seis meses parada, a musculatura “desaparece” e para recuperar é muito

difícil. Nesta fase o grupo já treinava todas as tardes e em locais e gramados diversos, só que eu trabalhava o dia todo daí me restava treinar à noite e sozinha! O preparador físico deixava o treino por escrito e eu fazia ali mesmo nas lajes do estacionamento do estádio Olímpico, e somente treinos físicos, treinamentos com bola só lá de vez em quando, com isso fui perdendo a motivação, comecei a cansar de ficar todo final de semana viajando pra jogos no interior, veio a lesão, e então ali eu larguei de vez!

S.R. – Quando tu teve essa lesão específica, o Grêmio te deu algum amparo?

M.E. – Sim, fiz todo o tratamento lá na segunda vez. A primeira vez foi na Seleção, mas aí tratei por conta mesmo, ainda nem existia a equipe do Grêmio.

S.R. – E na tua opinião quais foram os principais obstáculos e dificuldades que tu enfrentaste nessa tua trajetória como jogadora?

M.E. – Eu acho que no meu tempo o principal obstáculo foi o preconceito e consequentemente a falta de apoio, hoje já melhorou muito! Também dificultou o número de pessoas que jogavam, eram poucas e não havia muitas equipes. Falta de patrocínio, tendo patrocínio tu consegue treinar mais e envolver mais pessoas. Acho que é isso. Falta de divulgação também. Patrocínio e divulgação acho que é o principal. Não tendo isso é muito difícil ir para frente.

S.R. – Em relação ao preconceito tu lembra de alguma situação?

M.E. – Não, especificamente não. Só incomoda o fato das pessoas não darem valor, não apoiarem, as vezes até te olharem atravessado, como se praticar esporte fosse coisa de outro mundo! E por que não o futebol? É um esporte como qualquer outro.

S.R. – Tem alguma coisa que a gente não te perguntou que tu gostaria de falar? Que nós não comentamos de alguma outra época?

M.E. – Não, acho que eu falei tudo e mais um pouco ainda [risos]. Agora assim não lembro de nada, mas acho que falei de tudo.

S.R. – Quando tu terminou de jogar tu desfez os laços com o futebol?

M.E. – Isso.

S.R. – Não chegou a ter alguma experiência como treinadora?

M.E. – Não, não cheguei. Feminino não, somente em escola mesmo.

S.R. – Te agradecemos mais uma vez por esta entrevista, foi muito boa, muito informativa. E o Centro de Memória do Esporte fica à disposição para o que precisar.

M.E. – Está certo, obrigada a vocês por estarem fazendo este trabalho. Qualquer coisa estou à disposição de novo.

[FINAL DA ENTREVISTA]